

## TEM FESTA CAIPIRA NA METRÓPOLE DE SÃO PAULO

Neusa de Fátima Mariano  
UFSCar – Campus de Sorocaba  
[neusa@ufscar.br](mailto:neusa@ufscar.br)

### Introdução

Para sabermos sobre acontecimentos relativos a atrações turísticas nos municípios da Região Metropolitana de São Paulo, basta acessarmos os sites das respectivas prefeituras e logo encontraremos uma “janela” que nos remeta ao “calendário de eventos”, ou à “agenda festiva da cidade”, ou ainda às “atividades tradicionais”, ou algo parecido.

O fato é que não é difícil encontrarmos as datas festivas da religiosidade popular em exposição, pois estas festas tradicionais são divulgadas já que muitas delas foram inseridas no calendário turístico oficial do município, e, portanto, institucionalizadas.

Logo se percebe a beleza, a estética destas festas, com seus caipiras como personagens principais, tocando, cantando e dançando para a Santa Cruz em Carapicuíba, na antiga aldeia de jesuítas. Ou então, em Embu, grupos de congada e de catira se apresentando, também durante uma Festa de Santa Cruz. Ou ainda, violeiros tocando modas de viola no interior de uma igreja em Santana do Parnaíba. Mais: samba rural em Pirapora do Bom Jesus e Festa do Divino Espírito Santo em Mogi das Cruzes. Enfim, tem muito mais... Estes são apenas alguns poucos exemplos de festas populares - algumas delas, ligadas à religiosidade - com forte arraigamento caipira e que acontecem na metrópole de São Paulo.

Facilmente podemos questionar como tais festas tradicionais, festas de origem rural, existem, persistem e/ou resistem no espaço totalmente tomado pelo processo de urbanização. Então, de que maneira, ou em que condições elas são realizadas? Como lidar com a institucionalização da festa popular pelo poder público que a coloca como atração turística?

Para responder a estas questões faz-se necessário buscar as origens de tais festividades, chegando à explicação da sua solidez, ou aparente solidez, nestas localidades acima elencadas. Portanto, lançaremos mão dos estudos sobre os aldeamentos indígenas em São Paulo, formados pelos jesuítas com a missão catequizadora, durante o Brasil Colônia. O encontro cultural provocado pelo processo de colonização portuguesa proporcionou o surgimento da cultura caipira. Esta tem no indígena uma das suas matrizes, sendo que os bandeirantes e os missionários católicos foram os representantes da matriz portuguesa. Não se pode deixar de considerar também a matriz cultural proveniente dos negros escravizados que também participaram do processo de cerca de três séculos de constituição da cultura caipira.

Assim, entendemos que as festas da religiosidade popular de São Paulo têm origem caipira e se realizam como tal. Entretanto, com o passar do tempo, elas são apropriadas pelo capital, na medida em que também se tornam atrações turísticas. O poder público, e, sobretudo a iniciativa privada, viram nestas festas o potencial mercadológico, isto é, elas são passíveis de venda pela sua estética; tornam-se mercadorias. Podemos falar, então, do processo de espetacularização da festa caipira. Desta forma, a cultura popular -expressa na festa da religiosidade católica- sobrevive, resiste, persiste, ao mesmo tempo em que cede ao mercado que tende a homogeneizar os produtos e as relações. Mas esse mesmo mercado a alimenta ao alimentar o espetáculo, contribuindo para perpetuar a tradição, numa relação contraditória.

## Os aldeamentos paulistas

Na nova terra, já habitada pelos grupos humanos que os portugueses resolveram chamar de indígenas, os primeiros imigrantes colonizadores se instalaram com o objetivo da expansão territorial. Nesse processo ocorreu o domínio lusitano sobre as terras, sobre a sua população e seus costumes, o estabelecimento de uma nova ordem, sobretudo a religiosa, até então desconhecida pelos nativos. Também houve o processo de adaptação destes colonizadores, uma vez que necessitavam da sabedoria dos que aqui já estavam, para a própria sobrevivência. Não é demais ressaltar a mescla cultural que se deu, não só no que diz respeito à miscigenação, mas ao saber fazer, às crenças, à culinária, aos mitos e aos rituais. Tudo isso, cabe dizer, numa relação conflituosa permeada por muita resistência, luta e guerra.

Os jesuítas logo vieram participar deste processo do domínio português, afinal, os nativos que nas novas terras se encontravam, não eram considerados cristãos e suas almas estavam, segundo julgava a Igreja, em pecado. Andavam nus e alguns deles eram canibais, enfim, eram todos verdadeiros selvagens que precisavam ser “civilizados”. Esta era, então, a missão dos jesuítas: salvar as almas pagãs dos índios. Por isso, os padres começaram a organizar os aldeamentos<sup>1</sup> indígenas. Nesses aldeamentos, os nativos aprenderiam a ser “civilizados”, a crer em Deus e em Jesus Cristo. Aprenderiam a falar o português, a cantar, a dançar e a rezar como bons cristãos.

Ao mesmo tempo em que o gentio era alvo da Igreja, ele era também cobiçado pelo bandeirante, aquele que avançava terras adentro, em busca de ouro e pedras preciosas. O homem nativo serviria ao reino português como escravo nas bandeiras, abrindo caminho nas matas e ainda, poderia ser utilizado nos serviços domésticos das famílias dos colonos. Não raras vezes, ele se refugiava nos aldeamentos sob a proteção dos jesuítas, que, na verdade, serviam como receptáculo de mão de obra, a serviço do Rei. (PETRONE, 1995).

O fato que nos interessa aqui é que em São Paulo, a maioria destes aldeamentos, comandados pelos jesuítas, vieram a se tornar municípios, tais como São Miguel, Barueri, Carapicuíba, Guarulhos, Embu, Itaquaquecetuba, Itapeverica. (PETRONE, 1995). Assim, formou-se um verdadeiro cinturão nos arredores da cidade de São Paulo, que Petrone (1995) chamou de *cinturão caipira*, devido à presença de mestiços com ascendência indígena, isto é, de uma cultura caipira, de ordem camponesa e com base na pequena produção rural de subsistência. Atualmente, estes municípios mais antigos fazem parte da Região Metropolitana de São Paulo (Mapa 2).

Resta-nos encontrar traços de origem caipira<sup>2</sup> na metrópole de São Paulo, como as festas da religiosidade popular, e compreender o processo pelo qual elas se manifestam diante do grande capital e da cultura de massas no mundo moderno.

---

<sup>1</sup> Utilizamos o termo aldeamento baseados em Petrone (1995: 223), pois o “nome aldeia liga-se a uma forma de concentração do habitat [...]. Seriam, em conseqüência, verdadeiros povoados rurais”. O autor utiliza o termo aldeamento para distinguir das aldeias européias, pois a formação de ambas deu-se em processos diferentes.

<sup>2</sup> Cabe observar que a constituição da cultura caipira não se deu simplesmente a partir dos aldeamentos, mas sim, de um processo de colonização que durou cerca de três séculos. Os bandeirantes também foram responsáveis pela formação de uma cultura singular que se especializou em São Paulo, Paraná, Minas Gerais e Goiás – a chamada Paulistânia. Para saber mais, ler Ribeiro (1995) e Candido (1993).

## As festas da religiosidade popular

Festa é encontro, é alegria, é exagero, é quebra de regras, é comilança e também embriaguez, é fertilidade e reprodução da vida.

A festa, conforme Lefebvre (1958), já na antiguidade clássica, estava intimamente ligada à natureza. Festejava-se a colheita, portanto, a fartura. Festejava-se em reverência à natureza e ao seu poder de reprodução da vida, em agradecimento e, ao mesmo tempo, como garantia de alimentos. A falta da festa e de tudo o que ela representa poderia ter como consequência catástrofes naturais tais como terremotos, grande período de seca ou de chuva, etc. Neste sentido, ainda segundo Lefebvre (1958), a natureza se apresentava ao mesmo tempo perto e distante; adorada e temida.

Portanto, a festa faz parte do cotidiano, não se separa dele porque está inserida num ciclo de reprodução da vida. Ela apenas o engrandece, sendo o momento em que acontece a explosão das forças acumuladas neste cotidiano e, então, as regras de conduta de trabalho diário são extrapoladas, em nome da alegria e da abundância de alimentos proporcionadas pela natureza. (LEFEBVRE, 1958).

Com o advento do cristianismo, as festas para a natureza tornaram-se “festas pagãs”, ou seja, tudo o que não é cristão, é pagão. Elas foram apropriadas pela Igreja de forma que o calendário cristão foi sobreposto ao pagão, ou melhor, ao agrário. Assim, durante o mês de maio, ou durante a primavera (no hemisfério norte), por exemplo, tem-se notícia de muitas festas de santos e comemorações de passagens bíblicas: Festa do Divino Espírito Santo, Corpus Christi, Festas Juninas (São João, Santo Antonio e São Pedro), Festa de Santa Cruz, etc.

Nesse processo, a Igreja transferiu o poder e os atributos da natureza para um Deus Supremo; não é mais a natureza que dá o alimento, mas Deus que permite a ela tal realização e a festividade passou da ordem da natureza para a dos santos. Explica Thompson (1998: 51):

Em geral, o clero que exerce suas funções pastorais com desvelo sempre encontra maneiras de coexistir com as superstições pagãs e heréticas de seu rebanho. Por mais deploráveis que essas soluções de compromisso pareçam aos teólogos, o padre aprende que muitas das crenças e práticas do “folclore” são inofensivas. Se anexados ao calendário religioso anual, podem ser assim cristianizados, servindo para reforçar a autoridade da Igreja. [...] O mais importante é que a Igreja devia, nos seus rituais, controlar os ritos de passagem da vida pessoal e anexar os festivais populares a seu próprio calendário.

A Igreja, ao permitir alguns elementos (os considerados “inofensivos”) das manifestações festivas pagãs, foi caracterizando-os como “folclóricos”. Da união entre o sagrado e o profano, nasceram as festas religiosas populares com caráter folclórico.

A Igreja se aproveitava, em um Portugal Medieval, da participação coletiva em que consistiam os rituais pagãos, para introduzir uma teatralização evangélica, com pequenas encenações de episódios bíblicos e da vida de santos. No processo de conversão das manifestações pagãs, começaram a se destacar as procissões, já no século XIV, o que garantiria o poder espiritual da Igreja sobre o povo. (TINHORÃO, 2000).

Com as mesmas artimanhas usadas ao se apropriar de rituais pagãos em Portugal, a Igreja, no Brasil já no século XVII, se ocupou em transformar as procissões de Corpus Christi<sup>3</sup>, então bastante populares entre os portugueses, em festividades profano-religiosas também da população indígena. Tal procissão chegou timidamente no Brasil, sem a

---

<sup>3</sup> A comemoração de Corpus Christi, ou seja, do Corpo de Deus apresentado no Sacramento da Eucaristia, foi instituída pelo Papa Urbano IV em 1264, tendo-se notícias de sua realização em clima religioso-festivo em Portugal somente em 1318. (TINHORÃO, 2000: 70).

grandiosidade da de Portugal, onde podia contar com cerca de duas mil e quinhentas pessoas, assistidas por tantas outras às janelas e ruas enfeitadas, chegando a ter, no século XIV, “caráter de instituição representativa da identidade nacional”, conforme apontam os estudos de Tinhorão (2000: 71).

Outro exemplo que podemos citar é a Festa do Divino Espírito Santo, realizada sete semanas após a Páscoa, conforme revela uma passagem bíblica. Na Páscoa, Jesus Ressuscitado havia anunciado que em Pentecostes (após cinquenta dias) Ele enviaria à Terra o Espírito Santo, que traria paz, fartura, amor, caridade, saúde, justiça, etc. A Festa em homenagem ao Espírito Santo foi popularizada pela Rainha Dona Isabel<sup>4</sup>, esposa do Rei Dom Diniz, de Portugal. Conta a lenda que uma grande crise teria assolado Portugal, tendo o reino sido entregue ao Espírito Santo. Logo, a crise teria se dissipado, sendo atribuído ao Espírito Santo o milagre realizado. A partir de então, a Rainha Dona Isabel teria passado a homenageá-lo com uma cerimônia que envolvia a escolha de um mendigo que se vestiria como um rei e teria poderes majestáticos durante um dia, podendo, inclusive, libertar presos da cadeia. Faziam parte do ritual também, os “vodos” ou “bodos”, ou seja, a distribuição de alimentos aos pobres, aliás, prática comum na Europa que ficou restrita às festas do Espírito Santo em fins do século XV, por ordem de Dom Manuel (1469-1521). (ETZEL, 1995: 30).

A Festa de Santa Cruz, que também abordaremos como festa da religiosidade popular realizada na Região Metropolitana de São Paulo, é uma prática bastante antiga e tem como origem a Invenção de Santa Cruz e a Exaltação da Santa Cruz. Segundo o Cônego Vidigal de Carvalho (s/d), foi na data de 3 de maio (século IV) que a cruz na qual Cristo foi imolado teria sido encontrada, por empenho de Santa Helena, mãe do Imperador Constantino. Ao ser levada a um enfermo à beira da morte, a Cruz o teria curado, assim como teria ressuscitado um morto que por ela fora tocado. Após bem guardada em um templo, um rei persa teria saqueado Jerusalém e levado a Santa Cruz. Já no século VII, o Imperador Heráclio I teria retomado a relíquia. Para celebrar o primeiro acontecimento, instituiu-se o dia 3 de maio – “Invenção de Santa Cruz” -, sendo que o dia 14 de setembro remete ao segundo acontecimento, conhecido como a “Exaltação de Santa Cruz”, ou seja, a recuperação do santo lenho pelos cristãos.

A Folia de Reis, manifestação da cultura popular encontrada, inclusive na cidade de São Paulo, no Bairro do Rio Pequeno (Zona Oeste) tem suas origens na história narrada por Mateus, na Bíblia Sagrada:

Tendo Jesus Nascido e Belém da Judéia, no tempo do Rei Herodes, eis que alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém, e perguntaram: “Onde está o recém-nascido rei dos Judeus? Pois vimos sua estrela no Oriente e viemos prestar-lhe homenagem.

...

E sucedeu que a estrela – que tinham visto no Oriente – os precedia, até que foi parar sobre o lugar onde se achava o menino. Quando viram a estrela, sentiram uma grandíssima alegria. Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e prostrados lhes prestaram homenagem. A seguir, abrindo os seus cofres, ofereceram-lhe de presente ouro, incenso e mirra<sup>5</sup>.

Tal fato é relembrado pelas Folias de Reis, também conhecidas como Ternos de Reis, Reisadas, Companhias de Santos Reis, etc. As homenagens prestadas aos três magos, assim chamados os sacerdotes do Oriente (CAVALHEIRO, 2005), têm origem na Festa da Epifania:

A Festa da Epifania (Revelação ou ainda amanhecer da luz do dia) realizada em 06 de janeiro era, originalmente, uma comemoração de vários fatos relativos a Cristo e,

---

<sup>4</sup> A Rainha Dona Isabel, por sua reconhecida caridade, foi santificada em 1625 (PIAZZA, 1953).

<sup>5</sup> Evangelho Segundo São Mateus: 2, 1-2; 2, 9-11.

em especial, a revelação de sua divindade ao mundo pagão. Após, a data tornou-se especificamente como Festa de Reis Magos, pois estes foram, em tese, os primeiros a revelar a divindade de Cristo para o mundo. (CAVALHEIRO, 2005: 1).

A Folia de Reis, de origem portuguesa, foi popularizada no Brasil com o caráter peditório para a realização da Festa dos Santos Reis. Segundo a tradição, os foliões saem na noite de Natal em peregrinação, pernoitando em várias casas, onde lhes ofereçam pouso. Carregam a bandeira sagrada que abençoa a casa do visitado, tocam seus instrumentos, cantam, rezam e recebem alguma prenda, que pode ser em espécie ou em dinheiro. Retornam a tempo de realizar a Festa de Reis (6 de janeiro) com os recursos arrecadados.

Há ainda a festa ou dança de São Gonçalo do Amarante que, em Portugal geralmente é realizada em 10 de janeiro, data de sua morte. Na verdade, São Gonçalo<sup>6</sup> não foi santificado, porém, mesmo sendo beato, lhe é atribuída grande devoção, sobretudo da população de origem rural. Em Amarante (Portugal), São Gonçalo é conhecido como santo casamenteiro das velhas e patrono da fertilidade. Conta-se que ele, no século XIII teria se instalado em Amarante e viajava pelas aldeias vizinhas, oficializando os casamentos já consumados. No Brasil, São Gonçalo “ganhou uma viola”, pois ele a traz em sua imagem, diferentemente da de Portugal em que ele é representado por uma figura de um padre, de batina e com um cajado nas mãos. Popularmente, no Brasil, São Gonçalo é casamenteiro das velhas porque, como conta a lenda, ele tocava viola para as prostitutas (que já teriam passado da idade de casar) dançarem e, exaustas, não trabalhariam no dia seguinte, ou seja, não pecariam. Dizem as más línguas que ele prestava tal serviço com pregos nas solas dos sapatos para se punir de um pecado que nem havia chegado a cometer, submetendo-se à tentação da dança sensual das prostitutas. Por causa da viola, instrumento também de origem portuguesa, São Gonçalo passou a ser considerado protetor dos violeiros. As promessas feitas a ele só podem ser pagas com a dança que envolve passos do catira, de origem indígena, ou seja, há aqui um forte exemplo de intervenção cultural catequética do Brasil Colônia.

Sua homenagem é totalmente desvinculada da oficialidade da Igreja, sendo, portanto, uma festa popular que envolve uma estética bastante peculiar, fazendo parte dela muita comida, muita dança e música, muita reza e alegria.

Estas são algumas das manifestações populares que abordo neste texto, presentes na Região Metropolitana de São Paulo, com fortes raízes nos antigos aldeamentos indígenas, em que a presença e a catequização dos jesuítas propiciaram uma mescla cultural muito forte, proporcionando o surgimento do catolicismo rústico popular.

### **As festas populares da Região Metropolitana de São Paulo**

É possível, a partir de uma rápida investigação (inclusive na internet), realizar um mapeamento, mesmo que superficial, das festas da religiosidade popular na Região Metropolitana de São Paulo. Os pontos encontrados que anunciam a presença de homenagens ao Espírito Santo, aos Santos Reis, a São Gonçalo, à Santa Cruz e ainda, a celebração de Corpus Christi coincidirão com os antigos núcleos de povoamento e com os aldeamentos dos jesuítas durante o período colonial.

Como já mencionado, tais manifestações populares são heranças de Portugal, resultado de um processo de dominação da Igreja Católica sobre os costumes “pagãos”. Como estratégias de catequização, os jesuítas utilizaram a dança e a música indígenas

---

<sup>6</sup> Cabe dizer que há, inclusive, questionamentos com relação à sua existência, como o livro escrito pelo Padre Arlindo de M. R. da Cunha (1995).

resultando, entre outras expressões do catolicismo rústico, louvores a elementos sagrados em forma de canto e de dança, como por exemplo, aquela chamada “sabaraquê”, acompanhada pelo som do reco-reco, da viola caipira, e de pandeiros.

Citaremos apenas algumas destas manifestações, sobretudo aquelas ligadas à religiosidade, com o objetivo de fazer um apontamento com relação à herança da cultura caipira que se constituiu em São Paulo e, mais tarde, espalhou-se por vários estados brasileiros, constituindo a Paulistânia, como já mencionado, esclarecendo que a cultura caipira não é exclusiva nestes pontos. Vale dizer que houve um longo processo (e este processo continua) de transformação cultural ao longo da história que nos permite concluir que tais manifestações populares nos apresentam particularidades conforme a localidade – as condições e o saber fazer local -, e a articulação com outras culturas: imigrantes oriundos da Europa, e principalmente, a herança de elementos culturais africanos<sup>7</sup>.

Iniciaremos pelo dia de Corpus Christi, comemorado veementemente com a confecção de um tapete ornamental nas ruas centrais da cidade, geralmente nas adjacências da igreja. Assim, Itapeverica da Serra, Embu, Santana do Parnaíba são alguns dos municípios que guardam tal tradição. Este tapete é feito com pó de café, serragem, areia de quartzo colorida, folhas e flores, etc., e trazem desenhos alusivos ao tema do Corpo de Deus. Sobre ele, segue a procissão com o Santíssimo Sacramento sobre o andor. Reproduzimos um trecho do texto publicado no site da prefeitura de Embu das Artes, referente à festividade:

Milhares de pessoas visitaram Embu das Artes no feriado para apreciar os mais de 500 metros do tradicional tapete de Corpus Christi. Confeccionados pelas comunidades e suas respectivas pastorais e movimentos, os trabalhos, feitos com serragem, anilina, cal, areia, entre outros materiais, traziam ilustrações de motivos religiosos e ficaram expostos na Rua Nossa Senhora do Rosário, no Centro Histórico e, pela primeira vez por iniciativa do Departamento de Cultura, em quatro bairros do município: Itatuba, Jardins Magali, Santa Emília e Vista Alegre. (KARIN, 2006).

Em Itapeverica da Serra, as ruas já começam a ser interditadas para a confecção dos tapetes na noite anterior. O tapete é feito pelas escolas de Itapeverica e cercam a praça central, em frente à Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, bem como as ruas adjacentes. Não é muito extenso. Muitas pessoas participam do ritual: missa e procissão, não havendo posteriormente qualquer tipo de quermesse, fogos ou outro festejo<sup>8</sup>. Singela, embora atraia muitos turistas curiosos para ver a beleza dos tapetes, a celebração de Corpus Christi é realizada durante um único dia, numa quinta-feira de feriado nacional.

Embu e Itaquaquecetuba são municípios que abrigam a Festa de Santa Cruz, porém a mais conhecida é aquela de Carapicuíba. Este município guarda um patrimônio histórico valiosíssimo que é o conjunto de prédios em volta da igreja de Santa Cruz, que compunham o antigo aldeamento indígena do século XVI<sup>9</sup>.

A Festa de Santa Cruz na Aldeia de Carapicuíba acontece hoje, exatamente como ocorria há, pelo menos setenta anos atrás, conforme relatos de Mário de Andrade (1937). Claro, atualmente, conta-se com muitas barracas de doces, salgados, bebidas, CDs e outros objetos e brinquedos, fato este que não interfere na dança ritual. Esta se constitui a partir da atuação do grupo da dança de Santa Cruz, a sabaraquê. Este grupo toca seus instrumentos como o reco-reco, o pandeiro, a viola, o tambor, a cuíca, rezam e cantam para a Santa Cruz.

---

<sup>7</sup> Não trataremos aqui sobre os grupos de Congada, Moçambique e Marujada, ainda que estes estejam presentes em São Bernardo do Campo, Mogi das Cruzes, Santa Isabel, Cotia etc. e participem de algumas festas populares como as homenagens ao Divino Espírito Santo.

<sup>8</sup> Conforme constatado em trabalho de campo realizado em 2004.

<sup>9</sup> A Aldeia de Carapicuíba foi tombada em 1940 pelo então SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, hoje IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

A dança tem início em frente à igreja de Santa Cruz, do século XVI. O grupo, seguido pelos devotos, forma uma espécie de bloco, ficando todos bem próximos uns aos outros. Dançam com passos que os conduzem ora para perto, ora para distante da igreja. Depois, realizam a mesma dança voltados para a Cruz coberta de ramos e flores, localizada no adro da Igreja. Em frente de cada casa da aldeia são colocadas pequenas cruzes (cerca de um metro de altura), todas devidamente ornamentadas. Para elas também são feitas reverências com o canto e a dança. A Festa dura três noites, pois o ciclo de danças a ser realizado na frente de cada cruz é demorado. Na última “volta”, é realizada a chamada “zagaia”, em que todos são convidados a formar uma roda, sendo considerado este, o momento profano da Festa em contrapartida ao restante do ritual em frente à Cruz<sup>10</sup>. A dança constitui-se em três momentos: saudação à Santa Cruz, a roda e a despedida. Cantam:

Vamo saudar a Santa Cruz  
E a padroeira do lugar,  
Pedimos que ela proteja  
Em toda parte que ela andar<sup>11</sup>.

Mogi das Cruzes e municípios vizinhos como Biritiba Mirim, Salesópolis, Guararema, Santa Isabel, estão localizados na “porta” do Vale do Paraíba, região conhecida como “reduto” caipira por ainda guardar muitos costumes e tradições desta cultura. As homenagens prestadas ao Espírito Santo são bastante famosas nesta região, sendo realizadas há muito tempo. Em Mogi das Cruzes, por exemplo, o documento mais antigo encontrado que registra a Festa data de 1822<sup>12</sup>, mas infelizmente ele não traz uma descrição da mesma.

A Festa do Divino, em Mogi das Cruzes, tem início em uma quinta-feira com o encontro de bandeiras em frente à casa dos Festeiros. As pessoas carregam na procissão, suas bandeiras vermelhas, cor que simboliza o fogo - forma pela qual o Espírito Santo se manifestou aos apóstolos - e estampadas com a imagem de uma pomba branca - a presença do Espírito Santo no batismo de Jesus Cristo. Para a Festa é montado na Praça da igreja de Santana, a cada ano, o Império do Divino, local central, onde começam e/ou terminam todas as procissões que são realizadas durante os onze dias<sup>13</sup> de Festa. Ali também ficam guardadas as bandeiras dos Festeiros e dos Capitães do Mastro, os responsáveis pela realização da Festa.

Geralmente, as festas da religiosidade popular apresentam uma divisão nas atividades, ou então podemos interpretar que elas são compostas por dois ramos de atividades, as chamadas folclóricas ou profanas e as religiosas propriamente ditas. Faz parte da programação religiosa a novena, as missas e as procissões. O Império do Divino, o levantamento do mastro e o hasteamento da bandeira do Divino, a Passeata das Bandeiras (visita da Folia do Divino nas casas), a Alvorada (procissão que acontece todos os dias de madrugada), os folguedos infantis (tarde de gincana), a Entrada dos Palmitos, são atividades conhecidas como folclóricas.

A Passeata das Bandeiras conta com a presença da Folia do Divino que, em procissão, logo após a missa da novena, visita devotos previamente agendados<sup>14</sup>, levando para suas casas a Bandeira do Divino que irá abençoá-los. Cantam:

---

<sup>10</sup> Conforme constatado em trabalho de campo realizado em 2005.

<sup>11</sup> Segundo Pelegrini Filho (1985) apud Ikeda e Pelegrini Filho (2004: 180).

<sup>12</sup> Conforme Registro de Provisões: 1818-1827, pertencente ao acervo do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

<sup>13</sup> A novena faz parte do período festivo, por isso, considera-se onze dias de Festa, desde a sua abertura oficial até o dia de Pentecostes.

<sup>14</sup> A Folia do Divino de Mogi das Cruzes não angaria prendas para a Festa do Divino meses antes de ela acontecer; sua participação ficou restrita à Passeata das Bandeiras e às Alvoradas porque seus foliões não dispõem de tempo para manter tal tradição.

Quando ver em sua casa uma bandeira chegar  
É o Divino Espírito Santo que veio lhe visitar  
Abençoada foi a mão que acendeu aquela vela  
Será abençoado por essa bandeira donzela.<sup>15</sup>

É uma prática o dono da casa oferecer algum alimento (bolo, bolacha, café, chá...) a todos os presentes, finalizando a cerimônia com mais alguns versos cantados pela Folia do Divino.

A Entrada dos Palmitos é considerada o ponto alto da Festa, e acontece no sábado, véspera de Pentecostes. Consiste em um desfile com a participação de grupos de congada, moçambique e marujada, carros de bois decorados com alimentos e flores, crianças organizadas pelas escolas e pela catequese, cavaleiros, e demais instituições. É um momento que remonta ao passado, quando a população rural chegava para Festa do Divino de Mogi em seus carros de bois, carregados de alimentos que seriam negociados no comércio local. Essa população era recebida pelos Festeiros com um prato de “afogado”, uma espécie de ensopado de carne com farinha de mandioca, servido bem quente. Por isso, hoje, após a Entrada dos Palmitos este alimento é distribuído à população<sup>16</sup> e essa é uma prática também em algumas Festas do Divino realizadas no Vale do Paraíba.

Há ainda a quermesse, que acontece em todas as noites da Festa com o auxílio de voluntários devotos. Lá são vendidas comidas e bebidas, além da apresentação de grupos e duplas de música sertaneja ou raiz.

Depois da Procissão de Pentecostes, é rezada a última missa da Festa. Em seguida, são queimados os pedidos feitos ao Espírito Santo que foram depositados em urnas, no interior do Império do Divino. À meia-noite, os festeiros fecham o Império e a Festa acaba.

A Festa do Divino em Mogi das Cruzes é organizada com o auxílio da Associação Pró-Festa do Divino, fundada em 1994. A Associação busca, junto aos empresários locais, patrocínio e apoio para que a Festa possa ser realizada a contento. Os custos vão desde a infra-estrutura (quermesse, Império, alojamento para os carros de bois, enfeites da igreja, etc.) até o figurino de anjos para a Procissão de Pentecostes, e a carne para o afogado. Vale dizer que em Mogi das Cruzes há muitas Festas do Divino, que são realizadas pelos seus bairros em datas diferentes daquela oficial, algumas delas são também bastante antigas, como é o caso daquela que acontece no distrito de Biritiba Ussu.

Em Guararema, Salesópolis, Suzano, Santa Isabel, a Festa do Divino parece ser mais modesta, porém não menos importante para a população local. Não se pode esquecer da Festa do Divino realizada no município de São Paulo, no bairro da Freguesia do Ó. Ali também é montado um Império do Divino, onde são distribuídas as “Rosquinhas do Divino”, uma alusão aos “vodos”, ou seja, à distribuição de alimentos aos pobres.

Ainda em Mogi das Cruzes podemos encontrar a Dança de São Gonçalo, tanto no distrito de Braz Cubas como no de Sabaúna. A realização da Festa se dá a partir do pagamento de promessa ao Beato, ou seja, o maior interessado é o Festeiro que fora agraciado. Oferecer uma festa requer gastos, pois esta só é completa com a distribuição de alimentos aos devotos, e com a divulgação da mesma, caso contrário, a Festa não teria sentido. Segue uma rápida descrição da Festa de São Gonçalo realizada em Sabaúna<sup>17</sup>.

As rezadeiras começam o ritual da ladainha logo após o café da manhã, distribuído ali mesmo, bem próximo ao altar. Pão com manteiga, café, leite e chá compõem o desjejum dos fiéis no domingo dedicado a São Gonçalo. De uma em uma hora, ouve-se os rojões,

---

<sup>15</sup> Conforme Mestre da Folia do Divino de Biritiba Ussu (distrito de Mogi das Cruzes), em entrevista realizada em 2006.

<sup>16</sup> São distribuídos cerca de 5.000 pratos de afogado na Festa, conforme os organizadores da Festa, em entrevista realizada em 2006.

<sup>17</sup> Conforme constatado durante trabalho de campo realizado em 2005.



lançados pelos fogueteiros, anunciando a Festa.

Todos os olhares voltados para o altar avistam, em sua concentração na reza, as imagens de Nossa Senhora Aparecida, São João Batista – talvez herança de família – e umas três imagens de São Gonçalo do Amarante, de vários tamanhos e cores das suas vestimentas. Bem acomodadas, as imagens são iluminadas pelas velas e rodeadas de babados coloridos feitos de papel crepom. Por entre os santos, um pires é o recipiente para as moedas dos fiéis que desejam contribuir com a festa.

O grupo da dança de São Gonçalo – sem ele, não é possível a realização da Festa – é composto pelo Mestre e Contra-Mestre que comandam a reza e o canto (ambos tocam viola durante o ritual), um contralto (voz grave) e um tiple (voz aguda). Em duas filas organizadas estão os dançadores de linha e os devotos. A dança consiste em quatro “voltas” coreografadas com o catira (batendo pés e mãos de forma bem ritmada), e todos os presentes podem participar, assim como na dança de Santa Cruz, descrita anteriormente. Cantam:

Em nome de Deus começo  
Pai, Filho e Espírito Santo  
Esse é o primeiro verso  
Que pra São Gonçalo eu canto.  
Agradecendo a São Gonçalo  
E ao Divino Espírito Santo<sup>18</sup>.

Há o intervalo para o almoço, e uma fila imensa se forma para a distribuição do alimento. É a comida sagrada que a população, inclusive, leva aos seus familiares, sobretudo, para os enfermos. Logo após o almoço é servido um bolo, para principalmente, as crianças. A Festa termina só à noite. Entretanto, em alguns lugares a Festa tem início à noite e corre madrugada adentro.

Para finalizar esse breve apontamento de festas da religiosidade popular da Região Metropolitana de São Paulo, apresentamos a Folia de Reis, também presente em Mogi das Cruzes, em São Paulo (no bairro do Rio Pequeno), em Itapecerica da Serra, em Guarulhos, etc. As Foliás de Reis começam a passar pelas casas<sup>19</sup> às vezes antes, ou na noite de Natal; pedem auxílio para a Festa dos Santos Reis que acontece no dia 06 de janeiro, com a participação de toda a comunidade de Cesar de Souza (bairro onde moram os foliões). As Foliás, munidas de violas e demais instrumentos musicais, cantam o nascimento de Jesus e saúdam o dono da casa, bem como o agradecem pela ajuda (em dinheiro ou em espécie) e se despedem, ainda cantando. Todo o ritual está sob o comando do Embaixador ou Mestre. Há variações na apresentação da Folia, conforme a região a que pertence. As Foliás trazem, geralmente, dois palhaços que dançam e são incumbidos de pegar o auxílio durante a cantoria. Os palhaços personificam os soldados de Herodes que teriam se convertido, não lhe entregando o Menino Jesus depois de tê-lo encontrado, continuando seus caminhos ao lado dos Reis Magos. (PELLEGRINI Filho, 1985). Os donos da casa oferecem algum alimento a todos os presentes (pão, biscoito, café, refrigerante, etc.), não havendo pernoite como antigamente, nas casas dos visitados.

## Considerações finais

Como pudemos constatar, há uma forte presença do catolicismo popular na metrópole paulistana, cujas expressões remetem a um passado agrário, a uma relação profunda com a natureza, ao passo em que se vincula (quase que invisivelmente) ao tempo

---

<sup>18</sup> Conforme o Mestre de São Gonçalo, em entrevista realizada em 2002.

<sup>19</sup> Em Mogi das Cruzes, a visitação nas casas se dá com agendamento prévio, ou seja, o dono nunca é surpreendido pela Folia de Reis, conforme constatado em 2004.

cíclico. Obviamente, alguns desses grupos têm raízes em outros estados, sobretudo Minas Gerais e que, com a migração, levaram para São Paulo também a festa, parte que é integrativa da vida.

O fato é que tais manifestações consideradas tradicionais são muitas vezes mal vistas pela Igreja porque traz implícito o paganismo, ou seja, traz elementos que a Igreja considera profanos e, portanto, folclóricos. Entretanto, parece que a oficialidade religiosa tem aceitado tais festividades com maior tolerância, respeitando o popular e, ao mesmo tempo, garantindo a fidelidade católica.

O curioso é que há outros setores da sociedade que também têm se voltado com maior atenção para tais expressões da religiosidade popular que, vale repetir, tem fortes raízes caipiras. Tais setores são o político, o social e o econômico.

Ser simpatizante das festas populares tornou-se um bom negócio. Como dito na introdução deste texto, basta acessarmos os sites oficiais dos municípios e não raras vezes encontraremos no seu calendário turístico, o tapete de Corpus Christi, o anúncio de Folias de Reis e Festas do Divino. Os textos contidos nestes sites remetem a toda a história herdada por Portugal, revelando, ao final, o número de participantes no evento.

A Festa de Santa Cruz de Embu das Artes, por exemplo, não se realiza sem um palco onde se apresentam alguns nomes famosos da música sertaneja<sup>20</sup> (hoje, denominada de música raiz), além da presença de grupos de Catira como o de Guarulhos (Os Favoritos do Catira), e de Congada, como a de São Benedito, de Cotia (SP). Obviamente, as barracas de lanches e petiscos, bebidas e jogos, como o bingo, não poderiam faltar. Acontece que a Festa tem tido muito caráter comercial, favorecendo o poder público local, sob os cuidados da Secretaria de Cultura e/ou Turismo. O fato é que, por mais que seja a festa vivida plenamente, isto é, tenha um significado profundo para os devotos e voluntários que a ajudam a se realizar, ela parece ter importância e visibilidade porque o poder público e o econômico visam o incremento turístico, a colocam como mais um atrativo para os de fora. Neste sentido, em que a Festa é apropriada por estas instâncias, servindo como instrumento que foge ao seu objetivo primordial, que é celebrar o sagrado, agradecer e pedir graças, ela tende a se tornar espetáculo.

A Festa do Divino de Mogi das Cruzes mostra claramente este processo, uma vez que todas as atenções jornalísticas ficam, neste período, dedicadas a ela. A visibilidade é muito grande, embora a cidade não tenha infra-estrutura para receber turistas durante os onze dias de Festa. Mas as empresas que a patrocinam são divulgadas nos muitos cartazes e panfletos, e também via jornal e televisão. Os políticos da cidade a auxiliam porque a Festa é uma oportunidade de se colocarem mais próximos de seus eleitores, e o voluntariado dessa elite política é um meio de garantir essa proximidade.

A dança de São Gonçalo, realizada mais local e modestamente, não chama tanta atenção da classe política, pelo menos nas áreas estudadas (Sabaúna e Braz Cubas, em Mogi das Cruzes). Sempre houve e sempre haverá pedidos de auxílio para as Festas da religiosidade popular, uma vez que, segundo Lefebvre (1958), a doação para a Festa comunitária significa o sacrifício, a contribuição para a fartura, a alegria, a justiça e a caridade. Quem tem mais, faz um sacrifício maior que será comungado com os que doaram menos, por ter condições financeiras precárias. A comida que é distribuída na Festa de São Gonçalo é arrecadada entre a comunidade, é doada por comerciantes locais que querem seus nomes nos cartazes de divulgação. Embora haja esse interesse, ele é ínfimo e submerso pela grandiosidade da manifestação popular, das bênçãos atribuídas ao patrono dos violeiros.

Os grupos que se organizam, ou acredita-se que na maioria das vezes, herdaram de seus antepassados a “missão” da continuidade e de sua existência, sobrevivem submersos na

---

<sup>20</sup> Para saber mais sobre as diferenças entre música caipira e música sertaneja, ler Martins (1975).

grande metrópole. São compostos por pessoas trabalhadoras, pais e mães de família, adolescentes e jovens como quaisquer outros, com todos os problemas cotidianos de uma vida urbana. Muitos deles encontram dificuldades financeiras para a manutenção dos seus instrumentos, dos uniformes, etc<sup>21</sup>. Mas estes grupos chamam a atenção, como já dito, do poder público e de empresas, pela sua estética, pelo seu caráter folclórico e pitoresco. Não raras vezes são convidados a se apresentar em vários locais, nos palcos, com tempo determinado, com passos mais cuidadosos, em datas que não são aquelas sagradas. Ou seja, não há espontaneidade, mas uma apresentação para o de fora, talvez, para o turista que não o entende, apenas o considera muito bonito e interessante.

O fato de alguns desses grupos serem oriundos de municípios mais antigos da Região Metropolitana de São Paulo chama mais atenção ainda do setor turístico, pois tendem a aparecer como reminiscências, como redutos e, por isso, tornam-se mais valiosos uma vez que o processo de urbanização não os destruiu. Mas, cabe dizer, os transformou: a Folia do Divino de Mogi das Cruzes tem reduzida a sua função, pois seus foliões não têm tempo (porque trabalham) de ficar um mês passando pelos sítios dos bairros rurais angariando prendas para a Festa, como reza a tradição. Este é apenas um exemplo. Entretanto, mesmo reduzida, ela persiste, pois através de uma relação contraditória com o mercado, consegue a sua manutenção. Se o capital tende a se apropriar destas festas transformando-as em mercadoria, rearranjando-as no espaço urbano, elas se utilizam desta condição para se reproduzir, para a sua perpetuação, mantendo o seu irredutível.

Entretanto, é preciso frisar que apesar de todo o empenho das políticas de desenvolvimento do turismo que transforma qualquer coisa em mercadoria, as festas da religiosidade popular não se torna totalmente espetáculo. É que elas trazem em si elementos, momentos e movimentos da cultura popular, espontânea, sem deixar de ter o significado para o povo, a sua subjetividade, a sua realização como plenitude da vida cotidiana.

## Referências

### Bibliografia

ANDRADE, Mário de. A Entrada dos Palmitos. **Revista do Arquivo Municipal**. São Paulo, 1937, vol. 32. p. 51-64.

ANDRADE, Mário de. **Danças Dramáticas do Brasil**. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2002. 840 p.

BÍBLIA. Mensagem de Deus. São Paulo: Editora Santuário; Edições Loyola, 1994. 1324 p.

BOSI, Alfredo. A cultura como tradição. In: BORNHEIM, G. et al. **Cultura brasileira: tradição/contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p. 112-137.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os caipiras de São Paulo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983. 92 p.

CANDIDO, Antônio. Caipiradas. In: CANDIDO, Antonio. **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 248-251.

CARVALHO, José Geraldo Vidigal de. **Homenagens à Cruz de Jesus**. s/d. Disponível em: <http://www.cleofas.com.br/virtual/impresao.php?doc=OPINIAO&id=opi0119> – acessado em 29/01/2009.

---

<sup>21</sup> Como pude constatar durante entrevistas com alguns grupos de Mogi das Cruzes, em 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11ª edição. São Paulo: Global, 2001. 768 p.

CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. Nos passos da Folia de Reis. Sorocaba, 2005. Disponível em: [http://www.crearte.com.br/carlos\\_textos\\_t05.htm](http://www.crearte.com.br/carlos_textos_t05.htm) - acessado em 29/01/2009.

CUNHA, Arlindo de Magalhães Ribeiro da. **S. Gonçalo, história ou lenda?** Amarante: Gráfica do Norte, 1995. 62 p.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 237 p.

ETZEL, Eduardo. **Divino** – simbolismo no folclore e na arte popular. São Paulo: Giordano; Rio de Janeiro: Kosmos, 1995. 180 p.

IKEDA, Alberto T.; PELLEGRINI Filho, Américo. Celebrações populares paulistas: do sagrado ao profano. In: TERRA Paulista. **Manifestações artísticas e celebrações populares no Estado de São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial, Cenpec, 2004. (169-212).

KARIN, Daniela. **Comemorações de Corpus Christi atrai turistas em Embu**. Embu, 20 de junho de 2006. Disponível em <http://www.embu.sp.gov.br/secretarias/turismo/ExibirNoticia.php?id=221> – acesso em 06/02/09.

LEFEBVRE, Henri. Notes écrites um dimanche dans la campagne française. In: LEFEBVRE, Henri. **Critique de la vie quotidienne I**. Introduction. 2ª ed. Paris: L'Arche Editeur, 1958. p. 215-241.

MARIANO, Neusa de Fátima. **Divina tradição ilumina Mogi das Cruzes. O Espírito Santo faz a festa**. 2007. 205 fl. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MARIANO, Neusa de Fátima. **Fogão de lenha, chapéu de palha**. Jauenses herdeiros da rusticidade no processo de modernização. 2000. 273 p. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e tradicionalismo**: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1975. 161 p.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1999. 222 p.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Literatura folclórica**. São Paulo: Nova Stella: EDUSP, 1985.

PETRONE, Pasquale. **Aldeamentos paulistas**. São Paulo: Edusp, 1995. 396 p.

PIAZZA, Walter F. **Aspectos folclóricos catarinenses**. Florianópolis: Edição da Comissão Catarinense do Folclore, 1953. 138 p.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. 476 p.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998. 493 p.

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000. 173p.

## Websites

<http://www.itapecerica.sp.gov.br> – acesso em 06/02/2009.

<http://www.embu.sp.gov.br> - acesso em 06/02/2009.

<http://www.itaquaquetuba.sp.gov.br> - acesso em 06/02/2009.

<http://www.carapicuiaba.sp.gov.br> – acesso em 06/02/2009.

<http://www.camarabiritibamirim.sp.gov.br> – acesso em 07/02/2009.

<http://www.portaldodivino.bpgplus.com.br/nobrasil/salesopolis.htm> - acesso em 07/02/2009.

<http://www.portaldoo.com.br> - acesso em 07/02/2009.

<http://www.pmmc.com.br> – acesso em 07/02/2009.

<http://itapecerica.com.br> – acesso em 07/02/2009.

<http://www.foliadereis.hpg.ig.com.br/index.html> - acesso em 07/02/2009.

<http://www.festadodivino.org.br> – acesso em 07/02/2009

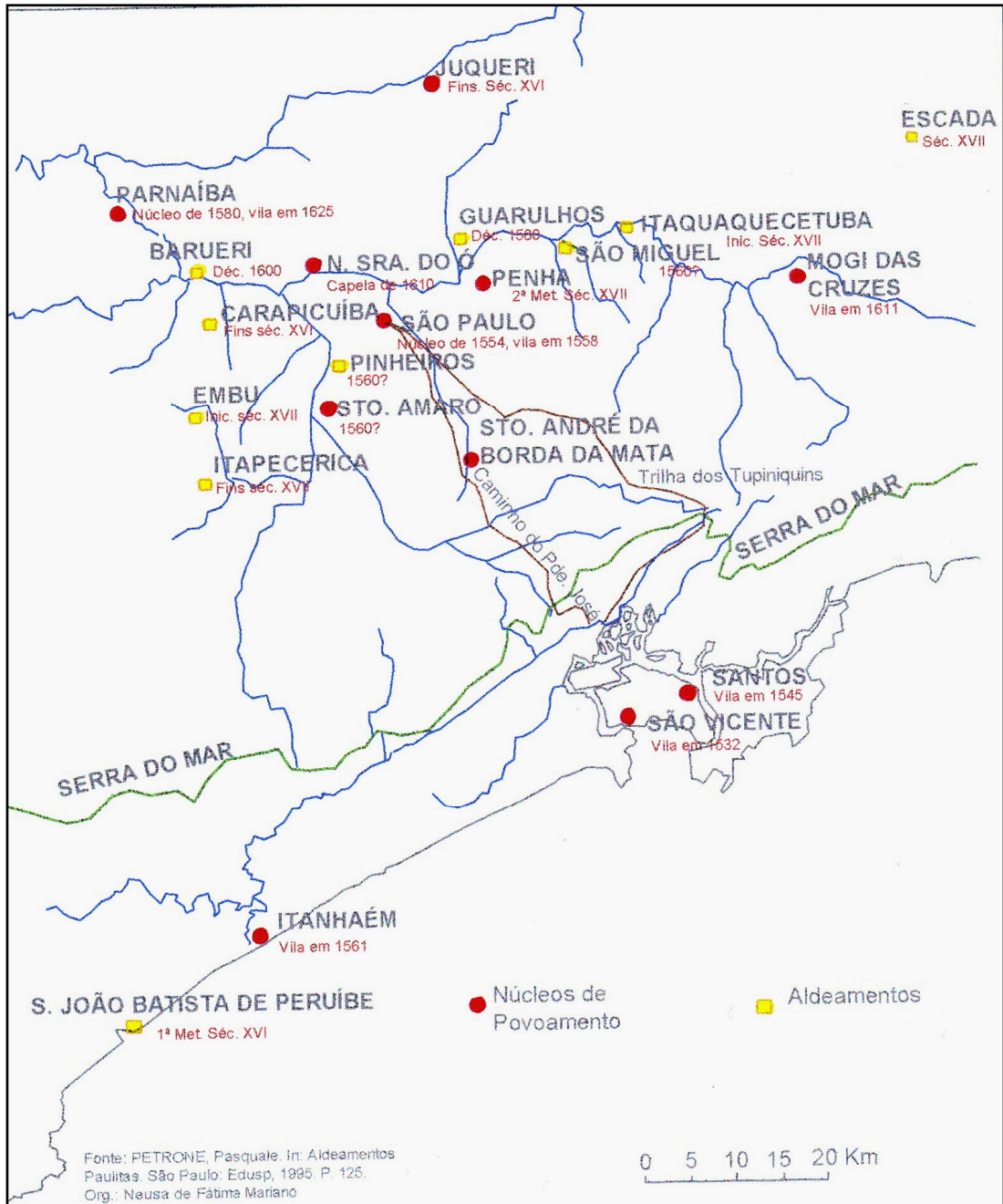
## Fonte Primária

Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo - ACMSP

Registro de Provisões: 1818-1827.

# MAPA 1

## Antigos núcleos de povoamento e aldeamentos em São Paulo, no Brasil Colônia



**MAPA 2 – Região Metropolitana de São Paulo**

